

A esterilização feminina é – atualmente - o método de planejamento mais comumente usado no mundo. De acordo com os dados do *Population Council*, em 1990, o Brasil ocupa o nono lugar, dentre vinte países, com uma proporção de mulheres esterilizadas equivalente a 30,4%. Ross (1991 apud MINELLA, 1996) lembra que os resultados desta pesquisa indicam ainda que no Brasil 69,2% das mulheres em idade reprodutiva utilizam métodos contraceptivos, dentre as quais 43,9% encontram-se esterilizadas. Ao privilegiar a Região Nordeste, que aponta elevados índices na prática da contracepção, a região apresenta a esterilização feminina de forma excepcional. Destacam-se quatro estados: PE, RN, BA e CE - para a comparação no que concerne ao percentual da prática da esterilização feminina.

Alguns autores afirmam que a opção pela esterilização com fins extremamente contraceptivos – considerando sua crescente demanda – é consequência de uma mudança de comportamento e dos desejos das mulheres brasileiras, tendo em vista que essa mudança atinge mulheres de diferentes faixas etárias, nível de educação, ocupação, etc. Logo, o presente trabalho tem como objetivo analisar as diferentes razões pelas quais as mulheres da cidade de Natal estão cada vez mais optando por este método contraceptivo definitivo. Para embasamento teórico, utiliza-se a categoria de gênero com a proposta de dar sustentação à reflexão das subjetividades que permeiam as decisões e histórias reprodutivas dessas mulheres. Segundo Joan Scott (1995, p.86), a categoria de gênero é definida através de duas principais proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” Além de tudo é importante reverenciar outro conceito: “papéis de gênero”, que de acordo com Grossi (1998), tudo aquilo que é associado ao sexo biológico, fêmea ou macho, em determinada cultura é considerado como papel de gênero. Estes papéis mudam de uma cultura para outra, ou então, é possível que haja mudanças dentro de uma mesma cultura, ao pensarmos que os papéis de gênero são temporais.

Além da pesquisa quantitativa no qual foram utilizados dados estatísticos obtidos através da Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde em 1996, foi desenvolvida pesquisa qualitativa através das pesquisas bibliográficas e entrevistas. As entrevistas foram realizadas com as mulheres participantes do Programa de Laqueadura no espaço da Maternidade Escola Januário Cicco (MEJC) e também com os profissionais de saúde. Foram entrevistadas 20 mulheres sendo apenas uma delas solteira. Como resultado pode-se perceber que duas razões predominaram: os problemas de saúde e a baixa condição financeira. Porém, percebe-se também, a partir dos depoimentos, que esses motivos acabavam por tornar compatível com uma das outras aspirações dessas mulheres, que era o fato de não ter mais filhos. Ou seja, os problemas de saúde ou a situação de vulnerabilidade econômica não pareceram como fatores que alteravam o plano de vida dessas mulheres que seria encerrar sua vida reprodutiva. Assim, mediante uma vida reprodutiva repleta de dificuldades com relação à situação econômica, à saúde, a ausência da participação masculina diante dos métodos contraceptivos e à falta de informação sobre os mesmos, essas mulheres acham em suas subjetividades as justificativas que sustentam o encerramento de suas vidas reprodutivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de gênero e sexualidade. **Antropologia em primeira mão**, Santa Catarina, n. 24, p. 1-15. 1998.

MINELLA, Luzinete Simões. Os impasses da contracepção : um estudo sobre as representações femininas acerca do período pós-esterilização em Florianópolis, Santa Catarina. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 10., 1996, Caxambu. **Anais...** Belo Horizonte: ABEP, 1996. v. 4, p. 2487-2521.

PERPÉTUO, Ignez Helena Oliva. **Esterilização feminina**: a experiência da Região Nordeste, 1980-91. 1996. 138 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

ROHDEN, Fabíola. **Uma ciência da diferença**: sexo e gênero na medicina da mulher. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2001. (Coleção Antropologia e Saúde).

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99 jul./dez. 1995.

SOCIEDADE CIVIL BEM-ESTAR FAMILIAR NO BRASIL. **Brasil**: Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde: 1996. 2. ed. Rio de Janeiro, 1999.